

Diagnóstico situacional como subsídio para o plano museológico da Casa de Memória Edmundo Cardoso - CMEC

Situational diagnosis as a subsidy for the museum plane of the Edmundo Cardoso Memory House - ECMH

Enviado em:26-02-2024

Aceito em:12-06-2024

Marta Rosa Borin¹

Jovana Souza de Oliveira²

Resumo

A presente produção está relacionada a pesquisa de Mestrado do curso de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, e traz uma abordagem das áreas de História, Patrimônio e Memória, evidenciando a importância em se manter e preservar museus como importantes espaços de memória, sejam as memórias coletivas ou individuais. Tem-se como exemplo a Casa de Memória Edmundo Cardoso, sendo a mesma objeto de pesquisa do referido trabalho no qual tem-se como foco realizar a elaboração Diagnóstico Situacional como Subsídio para o Plano Museológico da Casa de Memória Edmundo Cardoso – CMEC.

Palavras-chave: Museu, Memória, História

Abstract

The present production is related to master's research of the Professional Postgraduate Course in Cultural Heritage, Federal University of Santa Maria - UFSM, and brings an approach to the areas of History, Heritage and Memory, showing the importance of maintaining and preserving museums as important memory spaces, whether collective or individual memories. It is an example, the Edmundo Cardoso Memory House, being the same object of research as the work in which it is focused on making the situational diagnosis as a subsidy for the museum plane of the Edmundo Cardoso Memory House-CMEC.

Keywords: Museum, Memory, History

¹ Doutora em História (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS), Professora do Departamento de Metodologia do Ensino, do Mestrado Profissional em História (UFSM); Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (UFSM) e do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado e Doutorado (UFSM). Contato: marta.borin@ufsm.br Orientadora.

² Graduada em História pela Universidade Franciscana (UFN). Mestranda do curso de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio cultural, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Contato: jovana.tecnica@gmail.com

Introdução

A elaboração de Diagnóstico Situacional da instituição, constituiu-se no levantamento de informações visando facilitar a construção de um plano museológico para a Casa de Memória Edmundo Cardoso, exigência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Com este estudo buscou-se promover o conhecimento da realidade econômica, administrativa e de gestão da instituição pontuando e destacando as potencialidades e dificuldades/obstáculos vividos pela Casa de Memória, a partir de nossa experiência enquanto profissional historiadora da instituição. Neste sentido, sugerimos, atividades e ações que possam solucionar os problemas apontados. O trabalho foi desenvolvido em três etapas e tem como foco uma abordagem simples, direta e de acordo com a realidade vivida pela instituição. As reuniões realizadas com a coordenação e equipe da instituição, contribuíram para a coleta de informações e dados relacionados aos seus diferentes setores. Nessa primeira fase destacamos uma certa dificuldade em reunir conhecimento sobre as condições de organização da instituição devido à resistência da coordenação/administração em abrir para conhecimento externo informações de funcionamento a Casa.

Na segunda fase foi promovido um estudo de campo, ou seja, foram realizadas visitas, nas quais foram coletadas informações visuais sobre as condições físicas da residência (conservação) e também dos acervos. A terceira etapa, desenvolvimento teórico da elaboração de diagnóstico situacional destacamos os pontos fortes e os pontos fracos da Casa de Memória. Para o preparo do diagnóstico situacional da Casa de Memória, tomou-se como exemplo o plano museológico, bem como o seu diagnóstico global, do Museu do Imigrante localizado na cidade de Bento Gonçalves, RS, o qual se assemelha as condições e necessidades da Casa de Memória.

A metodologia desenvolvida na realização dessa produção privilegiou a abordagem quali e quantitativa, o que nos possibilita obter uma visão mais geral das características da instituição, dos problemas encontrados e possíveis soluções, obtendo dessa forma informações importantes para a construção do Planejamento Museológico. Ao longo da pesquisa foi realizada a análise da composição documental do acervo, pois fontes primárias da Casa Museu são objeto de pesquisa dos investigadores. Essa possibilidade de utilização de diferentes fontes também nos permite obter um olhar mais amplo, o que nos proporcionou ter um maior acesso a diferentes autores sobre o tema trabalhado, o que, com certeza enriqueceu a pesquisa.

É importante ressaltar que o Plano Museológico, com obrigatoriedade prevista em Lei, torna cada museu um ente jurídico oficial, com competência para se inscrever no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e, assim, poder participar de editais públicos. Nesse sentido, os museus podem se inscrever nas leis de incentivo à Cultura, concorrer a verbas e patrocínios de empresas que poderão apoiar projetos de manutenção, de segurança, de organização, de educação e de inovação tecnológica. Dessa forma, os museus tem apoio para continuar a exercer sua principal função, que é serem úteis ao desenvolvimento educativo e cultural dos cidadãos, através de projetos patrocinados.

Contexto Histórico da Casa de Memória Edmundo Cardoso

A instituição Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC) preserva a memória de Edmundo Cardoso, jornalista e teatrólogo. A Casa de Memória Edmundo Cardoso foi criada em dezembro de 2002 após o falecimento de seu patrono, foi idealizada por sua filha e por sua esposa, respectivamente Gilda May Cardoso dos Santos e Therezinha de Jesus Pires dos Santos. A CMEC funciona numa construção centenária, cujo registro no cartório é datado no ano de 1911.

Desde muito jovem Edmundo percebeu a importância de preservar a História, principalmente a de Santa Maria, e ao longo de sua vida reuniu em sua residência um acervo de fotografias, jornais, revistas, livros, obras de arte e diversos objetos antigos, material este que transformou o objeto da construção; de residência familiar a casa tornou-se um importante centro de pesquisas para historiadores/investigadores trabalharem sobre fatos históricos e até encontrarem documentos raros. A relevância do acervo, bem como a intensa circulação de pesquisadores em busca de informações para suas pesquisas, motivou os proprietários a manterem a casa com o mesmo propósito do seu idealizador. Assim, após o falecimento de Edmundo, sua família buscou auxílio de profissionais especializados para o tratamento adequado ao acervo arquivístico, museológico e bibliográfico,

O arquivo da Casa possui um acervo riquíssimo sobre a história da região, bem como possui uma biblioteca que conta com mais de seis mil obras sobre temas variados, que se encontram catalogados e disponíveis para a realização de pesquisas. O afluxo de pesquisadores em busca de informações no acervo é de significativa importância, o que denota a necessidade de manutenção e planejamento adequado da sua gestão. Dessa maneira, o acervo reunido por Edmundo Cardoso ao longo de sua vida é, na atualidade, reconhecido pela comunidade acadêmica e em geral como

uma memória local, o que se pode verificar através dos trabalhos de pesquisa e publicações que referenciam o acervo documental da CMEC. Além disso, fazem parte do acervo da CMEC todos os móveis e objetos que pertenciam a ele, os quais estão nos diversos cômodos da casa. Neste sentido, outra modalidade de pesquisa ou atendimento ao público são as visitas mediadas.

Portanto, a partir da nossa prática enquanto historiadora da CMEC, desde o ano de 2018, em consenso com as proprietárias da instituição, optamos pela elaboração de um diagnóstico situacional como subsídio para um futuro plano museológico para a CMEC. A Casa é uma entidade privada sem fins lucrativos, situada na Rua Pinheiro Machado, nº 2712, em Santa Maria, RS, mantida pela família do patrono. É associada ao Sistema Municipal de Museus de Santa Maria (SMM), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE) e do IPHAN. Como referência em pesquisa sobre a História de Santa Maria e região, é um espaço de memória, de preservação da História, disponível para a comunidade acadêmica e comunidade em geral para pesquisas e visitas mediadas, através de agendamento. A instituição tem como missão “servir, através da preservação da memória da cidade, pelo acesso ao estudo, pesquisa, exposição e divulgação de seu acervo à comunidade”.

A Casa de Memória Edmundo Cardoso foi criada no ano de 2002 e desde então, de forma constante, conta com a participação e colaboração dos cursos de Licenciatura Plena em História da Universidade Franciscana (UFN) e do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na organização dos acervos arquivístico e museológico. Nesse sentido, pode-se dizer que a instituição contempla um acervo arquivístico e museológico resultado do cuidado e interesse da comunidade santa-mariense, que em conjunto operam em prol desse legado cultural.

No entanto, a CMEC ainda possui na sua organização algumas lacunas a serem preenchidas, como por exemplo, recursos humanos para visitas mediadas, nas suas políticas de acesso, que incluem a realização de pesquisas no local e consulta via e-mail, nas atividades de educação patrimonial que oferece ao público, na organização de exposições itinerantes.

Uma importante parceria formou-se em 2015, a Associação de Amigos da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Como medida de gestão, a CMEC foi se constituindo a partir da necessidade de organização do acervo e atendimento ao público. Assim, tem como prática realizar o registro de toda e qualquer atividade ocorrida na instituição e sobre a casa, incluindo dados do pesquisador e informações sobre a pesquisa.

Conta com a atuação de uma equipe de trabalho composta por uma coordenação, uma arquivista, uma historiadora e um setor de estágio, no qual atende acadêmicos voluntários ou curriculares nas dependências da Casa. Possui um blog com informações sobre o acervo e atualmente conta com um site, no qual é disponibilizado o acervo arquivístico já digitalizado. Porém, a CMEC ainda não possui um Plano Museológico.

A elaboração de Plano Museológico nos museus parte da existência da Lei nº 11.904/09 e pelo Decreto nº 8.124/2013 que determina a obrigatoriedade da existência de Plano Museológico em todos os museus brasileiros e destaca a importância do seu papel dentro dessas instituições. Para sua validade o Plano Museológico precisa ser elaborado e assinado por um profissional especializado na área da Museologia, necessidade que poderá ser sanada numa próxima etapa de investimento da instituição.

Assim, a seguir vamos propor a organização da gestão e planejamento da CMEC, a partir de um diagnóstico onde destacamos os pontos positivos e negativos para que futuramente o museólogo possa encontrar referências para direcionar a elaboração do Plano Museológico. A metodologia de pesquisa desenvolvida na realização dessa produção requer a abordagem quali e quantitativa, o que nos possibilita obter uma visão mais geral das características da instituição, dos problemas encontrados e possíveis soluções, obtendo dessa forma informações importantes para a construção do Planejamento Museológico.

É importante ressaltar que o Plano Museológico, com obrigatoriedade prevista em Lei conforme já citado, torna cada museu um ente jurídico oficial, com competência para se inscrever no IBRAM e, assim, poder participar de editais públicos. Nesse sentido, os museus podem se inscrever nas leis de incentivo à Cultura, concorrer a verbas e patrocínios de empresas que poderão apoiar projetos de manutenção, de segurança, de organização, de educação e de inovação tecnológica. Dessa forma, os museus podem continuar a exercer sua principal função, que é serem úteis ao desenvolvimento educativo e cultural dos cidadãos, através de projetos patrocinados.

Breve Histórico sobre os Museus e Museu Casa

Com a intenção de aprofundar o conhecimento sobre a organização das casas de Memória, selecionamos alguns autores da Nova História Cultural, e algumas obras das áreas de Museologia e História Social e Cultural. Dentre eles, Burke em sua Obra

“A Escrita da História, Novas Perspectivas” e Le Goff, em “A História Nova” abordam as diferentes formas e possibilidades de escrever a História, a partir de novos enfoques sobre temas, como por exemplo, música, a literatura, o cinema e a religiosidade, rompendo dessa forma com a História de paradigma tradicional na História Política e Econômica, ou Positivista, vigente até meados do século XX:

A primeira metade do século testemunhou a ascensão da História das ideias. Nos últimos trinta anos nos deparamos com tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio. O que era considerado imutável é agora encarado como uma “construção Cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço.” (BURKE, 1992, p. 11).

De acordo com o historiador medievalista Jacques Le Goff,

A História Nova ampliou o campo do documento histórico: ela substituiu a História de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma História baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavação arqueológica, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a História Nova, documentos de primeira ordem. (LE GOFF, 1998, p. 28 e 29).

Portanto, as referidas obras corroboram para a compreensão da importância da manutenção do acervo da CMEC, que visa promover o conhecimento histórico a partir dos mais variados temas. Assim, é mister evidenciar que a manutenção desse espaço de pesquisa e guarda, requer uma organização que permita, não somente uma melhor gestão, mas também o desenvolvimento de novos temas de pesquisas, a partir da formação de grupos de pesquisas, a partir dos documentos do acervo. Destacamos dessa maneira, a relevância da existência de gestão e organização da casa, já que permitirá um melhor gerenciamento, beneficiando também seus pesquisadores e visitantes.

A humanidade ao longo da História, busca preservar e guardar histórias, memórias e identidades, através de coleções de objetos e documentos. Pois, segundo Suano (1986, p. 12) “a formação de coleções de objetos é provavelmente quase tão antiga quanto o homem”. Neste sentido, podemos associar Edmundo Cardoso aos colecionistas, quando mantinha o gosto pela preservação de seus objetos pessoais expostos em sua residência, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito econômico, submetidos a proteção pessoal e expostos ao olhar dos visitantes nas pareces arranjadas conforme o gosto do colecionista:

As coleções de objetos foram reunidas devido as suas associações pessoais ou colectivas ocorridas na antiguidade. Os artefatos encontrados nas câmaras funerárias do Paleolítico mostram indícios disso. No entanto, o desenvolvimento da ideia de museu ocorreu no princípio do segundo milênio, AC em Larsa na Mesopotâmia, onde cópias de antigas inscrições foram reproduzidas para uso educativo nas escolas daquele tempo. (LEWIS, 2002, p. 13).

Ainda que não tenha vitrine para proteger as peças da coleção elas foram mantidas rodeadas de cuidado. Conforme coloca Desvallèes:

O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do homem e do seu meio. A forma e as funções dos museus variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração. (DESVALLÉES, 2013, p. 64).

Ainda no que se refere ao conceito e aplicabilidade do termo museu, Canciani alerta:

O museu e qualquer política patrimonial devem tratar os objetos, os ofícios e os costumes de tal maneira que, mais que exibi-los, torne inteligíveis as relações entre eles, proponham hipóteses sobre o que significam para a gente que hoje os vê ou evoca. (CANCIANI, 2001, p.193)

Mas o caráter destas peças de coleção acumulada por pessoa privada é por definição, conforme POMIAN (1984, p. 53) “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”.

Assim, até o ano de 2017, o termo museu tinha a seguinte definição,

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, aos serviços da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2007). No ano de 2022, durante a Conferência Geral do ICOM na cidade de Praga na República Tcheca, o conceito de Museu passou a ter uma nova definição, mais abrangente integrando e abraçando a participação da comunidade.

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam ética e profissionalmente, com a participação das comunidades, proporciona experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (IBRAM, 2022).

Nota-se que na primeira definição o museu tinha como função apenas comunicar e expor para a comunidade. Na nova definição, a comunidade passa a ser atuante, participando e contribuindo com as ações das instituições museais. Portanto, o Museu, nos seus diferentes significados e importância, se fez presente e atuante, como instrumento e lugar, onde o passado e a memória se comunicam com o presente e seu objeto apreciador. Para Suano (1986), até o período do Renascimento, boa parte das coleções, as quais mais tarde deram origem aos museus, tais como conhecemos na atualidade, eram de propriedade particular, de uso pessoal e restrito das elites do período.

O primeiro museu público do mundo, foi o Ashmolean Museum, criado no ano de 1683, na Inglaterra. No entanto, mesmo sendo considerado público, o seu acesso ainda era bastante restrito recebendo visitas basicamente, da comunidade acadêmica e de estudiosos. É somente com a Revolução Francesa, ao fim da segunda metade do século XVIII, no ano de 1789, que os museus se tornaram, de fato, públicos.

Realizando um recorte temporal e espacial para o Brasil, buscou-se informações a respeito da criação de seus primeiros museus. Assim, de acordo com o IBRAM, a História dos Museus em terras brasileiras, tem início no século XVII, quando em Pernambuco surgiu uma Instituição que abrangia um observatório astronômico, um jardim zoológico e um jardim botânico e, no ano de 1784, inaugurou-se o Museu “A Casa Xavier dos Pássaros”. Como resultado da vinda da família real para o Brasil, no início da primeira metade do século XIX, tivemos a inauguração do “Museu Real”, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1808.

Para Guarnieri (2010), a presença da Família Real Portuguesa em terras brasileiras assegurou no início o fortalecimento e a consolidação de um movimento construtor no que tange as organizações culturais. Ainda no século XIX, durante o período Imperial no Brasil, teve o surgimento do “Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, no ano de 1838, o Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1866, na província do Pará, cidade de Belém e, em 1900, inaugurou-se na cidade de Manaus o primeiro museu do Brasil República intitulado de “Museu de Numismática Bernardo Ramos”.

Desse modo, percebe-se que ao longo dos séculos outras instituições museológicas foram surgindo em outras regiões do país. A exemplo tem-se no ano de 1903, no estado do Rio Grande do Sul, o surgimento do primeiro museu gaúcho, o “Museu Júlio de Castilhos”, localizado na cidade de Porto Alegre. A história deste museu é análoga a da Casa de Memória Edmundo Cardoso. O prédio Museu Júlio de

Castilhos, residência urbana aristocrática do século XIX, construída em 1887, foi adquirida para ser moradia do presidente do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), Júlio de Castilhos, onde ele residiu com a família de 1898 a 1903, data de sua morte. Quando do falecimento da viúva, em 1905, o prédio foi comprado pelo governo do Estado, para onde foi transferido o acervo do museu, e para preservar a memória do político foi mantida uma sala, reconstituindo o antigo dormitório do casal e seu gabinete. Com o tempo, a casa foi reformada e adaptada para atividades museais, sendo o acervo do museu é voltado para a preservação e divulgação da História do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, em Santa Maria, localizada no centro do Estado sul rio-grandense, conta-se atualmente com a existência de dezesseis instituições museológicas, sendo algumas também com setores de arquivos e bibliotecas. Os dirigentes de museus da cidade organizaram o Sistema Municipal de Museus, inaugurado no ano de 2004, que mantém ao longo de sua existência envolvimento com o setor cultural local. Neste conjunto, a CMEC inaugurada no ano de 2002 na cidade de Santa Maria, é o resultado do cuidado e interesse da comunidade santamariense e dos familiares de Edmundo que em conjunto operam em prol desse legado cultural. A dedicação de Edmundo Cardoso por sua cidade natal o levou a preservar um rico e variado acervo sobre a história de Santa Maria. A fim de dar continuidade ao seu trabalho de resguardo da história da cidade, Therezinha e Gilda, respectivamente viúva e filha de Edmundo, idealizaram, após o seu falecimento em 2022, a Casa de Memória Edmundo Cardoso. A criação desta instituição se justifica pelo fato de Edmundo, ao longo de sua vida, ter reunido em sua residência, uma parcela significativa de documentos relativos à História da cidade de Santa Maria. Para Edmundo, sua casa era seu mundo, que continha entre suas paredes tudo o que ele colecionava e o agradava, aos olhos e às ideias:

Minha casa contém todos os elementos básicos que eu sempre pretendi possuir: uma excelente biblioteca, uma pinacoteca belíssima e algumas coisas antigas do passado santamariense, que estou juntando, colecionando e preservando da destruição irremediável. Livros de autores santamarienses, ou sobre Santa Maria, documentos, objetos, enfim, tudo que é digno de ser preservado, eu guardo, catálogo e ordeno. (CARDOSO, 1974).

A CMEC caracteriza-se como um Museu Casa, espaço de preservação de memórias e histórias. Visitar a CMEC é estar em contato com diferentes tempos históricos, com diferentes narrativas resultados de diferentes memórias. “As memórias quando compartilhadas mantêm-se vivas, constroem a história. Quando ela é

individual, cria vínculos com as memórias coletivas, pois ambas são inseparáveis”. (DEGLINOMINI, p. 09, 2014)

Nesse sentido percebemos na Casa de Memória Edmundo Cardoso relação entre memória e preservação da história.

Quando pensamos em memória, logo remetemos nosso pensamento ao ato de guardar as ideias, lembranças e o conhecimento adquirido ao longo de nossas vidas. A memória fonte inesgotável de informações é a principal base para a construção da história, e fator responsável para encontrar a eternidade dos fatos. Ela é subjetiva, serve como um guia que revela o passado, emerge de reconstruções seletivas da história, e é a partir dessas reconstruções que é possível construir o contexto em que vivemos. A memória pode ser classificada tanto como individual quanto coletiva (DEGLINOMINI, p. 09, 2014).

No entanto, torna-se necessário ressaltar que a CMEC traz inserida em sua arquitetura, dependências e objetos, não só da vida e do cotidiano de Edmundo Cardoso, mas também de seus familiares e amigos que ali viveram ou estiveram, construindo e registrando, não somente lembranças e memórias individuais, mas, também, coletivas. Neste sentido, o acervo da CMEC tornou-se, fonte de pesquisas, auxilia na promoção de atividades de educação patrimonial e faz parte do setor turístico de Santa Maria.

Sendo fruto da necessidade de uma parcela da população em salvaguardar os seus bens, a fim de preservar seu legado e manter vivas suas memórias e histórias, a tipologia Casas Museus, a partir do século XIX, contribui para este fim. Conforme nos informa Afonso (2016), os primeiros registros de existência de casa museu no continente Americano deu-se nos Estados Unidos, na cidade de Massachusetts:

Com a tentativa de salvar da demolição a “hoyt” ou “Indian House” no ano de 1847, por iniciativa da comunidade de Deerfield. A Habitação também conhecida pela comunidade por a “Casa de Jonh Sheldon” ou “Antiga Casa Indiana” foi construída por Jonh Sheldon em 1698, passando de pai para filho até a venda para a família Hoyt, responsáveis pela demolição da estrutura original, em 1848, Esta residência era significativa para a comunidade local, pois consistia em um dos únicos exemplares sobreviventes ao massacre de Deerfield, que aconteceu nos anos de 1703-04. Como tentativa de manter viva a memória da habitação, a porta da residência foi removida e preservada. Muitos anos após a sua demolição a estrutura do local foi reconstruída.

Assim, “as Casas museus, podem ser compreendidas como casas que propiciam sonhos de casas e que unem universos individuais e particulares com universos coletivos” (CHAGAS, 2010, p.06). No entanto, para Scarpeline (2020), a casa abriga em seu interior a vida de seu proprietário e de seus familiares, mas também abrange as teias extras familiares constituídos por amigos, vizinhos, negócios e empregos.

Corroborando com esse pensamento Afonso, remete a ativação dos sentidos quando se visita as Casas Museus:

As pessoas que visitam uma Casa-Museu são bombardeadas por sensações que remetem a um cabedal de lembranças, talvez impossíveis de serem despertadas em outras tipologias de instituições museológicas. O cheiro dos móveis expostos em um quarto, a organização de uma mesa de jantar, o ranger da porta antiga de madeira, as folhas de uma árvore caída no pátio, dentre tantas outras especificidades vivenciadas nestes locais, transportam o visitante à infância ou a períodos específicos de sua vida. A percepção das lembranças se dá no tempo presente, e é no mesmo período que a ressignificação das imagens é feita ativando a memória. (AFONSO, 2016, p. 42).

Portanto, pode-se dizer que as casas museus surgiram da necessidade de uma comunidade local ou de caráter familiar em manter, preservar e contar através de suas próprias vivências e objetos, suas memórias e histórias. Nesse sentido percebemos a relação entre memória e preservação da história.

Quando pensamos em memória, logo remetemos nosso pensamento ao ato de guardar as ideias, lembranças e o conhecimento adquirido ao longo de nossas vidas. A memória fonte inesgotável de informações é a principal base para a construção da história, e fator responsável para encontrar a eternidade dos fatos. Ela é subjetiva, serve como um guia que revela o passado, emerge de reconstruções seletivas da história, e é a partir dessas reconstruções que é possível construir o contexto em que vivemos (DEGLINOMINI, p. 09, 2014).

No entanto, para ser definida como Casa Museu, a instituição precisa conter uma organização museológica que mantenha o cenário expositivo ou decoração do ambiente igualmente a época em que os proprietários habitavam a residência (AFONSO, 2016).

Segundo Afonso temos a seguinte definição de Casa Museu:

Uma Casa-Museu, por ser em essência uma casa, não isenta o museu de suas obrigações institucionais. Consiste em uma instituição de guarda que no passado abrigou as vivências e lembranças de uma pessoa/família, ou um local que reconstrói estas memórias. A missão de uma Casa-Museu pode variar, mas em suma estima-se que preserve o edifício, os bens culturais que abriga, exerça práticas museológicas, entre outros. Não menos importante, mas principalmente caracterizador deste tipo de instituição de guarda: deve manter viva a memória contida do seu homenageado. (AFONSO. 2016, p.41 e 42).

De acordo com Pontes (2010):

Estamos perante o conceito casa, que tem sentido privado, pessoal, de refúgio e intimidade, ao qual se junta o conceito museu, com toda a sua carga e dimensão pública. Um museu é criado para receber pessoas, transmitir conhecimento e interagir com o público, a que se associa a função de

conservar e divulgar as coleções. No âmbito das casas museus, a própria casa é, também, um importante e imponente peça do museu a preservar e estudar. (PONTES, 2010, p. 121).

Nesse sentido, a Casa de Memória Edmundo Cardoso caracteriza-se como uma Casa Museu, pois a instituição foi criada para guardar a memória de seu proprietário e é mantida exatamente tal como seu antigo proprietário e familiares a deixaram. Para Corrêa; Feltrin e Oliveira (2013, p. 15), a Casa de Memória Edmundo Cardoso guarda a memória da cidade e de seus proprietários:

A CMEC é repleta de memórias, de lembranças, várias pessoas foram eternizadas nos quadros que compõem a pinacoteca, muitas características peculiares se refletem nos objetos e nos ensaios escritos por Edmundo Cardoso. Há uma infinidade histórica de realizações, de sujeitos, de lugares a serem conhecidos, basta adentrar a casa e sensibilizar-se com a arte, com a escrita ou com os objetos que contam parte da História sociocultural, econômica e política de Santa Maria da Boca do Monte.

Sobre os lugares de memória, Nora nos traz reflexões que nos remete a proposta da Casa de Memória Edmundo Cardoso:

A razão fundamental de ser um espaço de memória e parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22).

Dessa maneira, destaca-se a importância da Casa de Memória Edmundo Cardoso, sendo um espaço de guarda da memória e que revela, através da pesquisa e estudo, histórias contidas e seus objetos museológicos em suas fontes escritas, iconográficas e arquitetônicas. Dentre os autores que trabalham com a temática do Patrimônio Cultural. Meneses na sua obra, intitulada “Para que Serve Um Museu Histórico?”, aborda a importância social histórica dos Museus:

O museu é sempre um espaço que estabelece uma intermediação institucionalizada entre indivíduo e objetos materiais. Claro que vivemos imersos num oceano de objetos físicos, sem os quais não haveria condições de vida biológica, psíquica e social. Mas é muito superficial e descontínua a consciência que temos dessas coisas. O museu, ao contrário, induz a ver aquilo que os olhos deixam passar no cotidiano e com mais razão ainda o que é diferente, insólito – o outro. Há vários contextos institucionais que também fornecem condições semelhantes de percepção, objetos. Basta lembrar, numa sociedade de consumo como a nossa, as lojas, os supermercados, ou a publicidade, que comunica os objetos representados. No entanto, é aos museus que se vai especialmente por causa dos objetos enquanto objetos e não, em princípio, enquanto mercadoria, artefato utilitário ou coisa semelhante. Assim, o museu é o lugar próprio organizado para

coletar objetos, preservá-los e os classificar, estudar, expor, publicar, etc. (MENESES, 1992, p. 4).

No entanto, o museu não basta apenas existir, é necessário que ele desempenhe uma função social de divulgação da cultura, para isso, torna-se importante que seja desenvolvido todo um trabalho de organização e implementação de ações de planejamento nesses espaços de guarda.

O Diagnóstico Situacional da Casa de Memória Edmundo Cardoso

Destacamos a importância do plano de gestão e planejamento para a organização estratégica dos museus, em seu autoconhecimento e para o planejamento do presente e futuro da instituição (IBRAM, 2016):

O Plano Museológico é o principal instrumento para a compreensão das funções dos museus. Por meio do planejamento institucional, é possível definir prioridades, indicar os caminhos a serem tomados, acompanhar as ações e avaliar o cumprimento dos objetivos. É a partir dele que as ações administrativas, técnicas e políticas são sistematizadas tanto no âmbito interno, quanto na sua atuação externa. Assim, O plano Museológico permite que a instituição utilize todo o seu potencial para realizar seu trabalho e alcançar seus objetivos de forma mais eficaz. (IBRAM, 2016, p. 4).

Neste sentido, de acordo com Trindade:

O Plano Museológico é elaborado com a finalidade de impulsionar a gestão e de integrar as diversas áreas de funcionamento, tanto no processo de requalificação de um já existente, quanto num processo de implantação. É, ainda, uma ferramenta de planejamento que ordena e prioriza as ações a serem desenvolvidas pelo museu para que este cumpra a sua função social. (TRINDADE, 2010, p. 7).

O Plano Museológico se caracteriza como sendo um documento de gestão e é o principal mecanismo de elaboração estratégica dos museus. Sendo assim, “um bom plano museológico precisa ser estratégico, conciso, exequível e considerar todos os aspectos de uma maneira integrada” (CÂNDIDO, 2014, p.55). De acordo com a Lei Federal nº 11.904, 14 de janeiro de 2009, artigo 45, temos a seguinte orientação:

O plano museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica, para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

Dessa forma, é possível salientar, que é dever e responsabilidade de todos os museus em âmbito nacional, realizar a elaboração e organização de seus planos museológicos, estando dessa maneira em conformidade com a Lei Federal nº 11.904 que regula tal ação. No entanto, torna-se imprescindível, destacar e pontuar os passos e ações que antecedem a elaboração de um plano museológico. A prática de realizar um diagnóstico museológico é a primeira fase para a elaboração do mesmo. O diagnóstico permite visualizar e conhecer a situação em que o museu se encontra. Ou seja, sem conhecer a realidade atual do museu, não há como pensar em projetos para o presente nem para o futuro (VILENHA, 2017, p. 25).

Cândido (2009) destaca a importância dessa ferramenta:

O diagnóstico, como um olhar acurado que disseca a instituição, [...]. O diagnóstico pode ser visto também como a distância entre a realidade atual e a desejável (metas). [...] E é acima de tudo, uma ferramenta básica para o planejamento institucional em longo prazo, pois permite conceber uma programação museológica mais condizente com a realidade em questão e que leve em consideração a necessária continuidade. (CÂNDIDO. 2009, p. 129).

Ainda destacando a importância do diagnóstico, Neves adverte que o diagnóstico antecede a elaboração do Plano Museológico, está em primeiro lugar:

O diagnóstico é a primeira etapa para se pensar e repensar um museu. Ela constitui-se de levantamentos e análise de dados de toda sorte: através de reuniões com a equipe do museu, visitas técnicas ao local ou instalações, pesquisa bibliográfica, pesquisa de público, etc. Mas é a pesquisa sobre o acervo, pois é ele que vai definir o perfil do museu em termos científicos e estruturais: é a sua vocação ou, em outros termos, a identidade do museu. Esta análise é essencial para a definição dos outros itens a serem considerados público, prédio, profissionais, etc. (NEVES, 2003, p. 63).

Para tanto, com a intenção de proporcionar uma melhor administração dos diferentes setores da Casa de Memória Edmundo Cardoso, destaca-se de maneira positiva a elaboração de um diagnóstico para posterior construção de um planejamento museológico para a instituição. Tendo como base a realização de Diagnóstico Situacional como subsídio para o plano museológico da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Dessa maneira é igualmente necessário e relevante para uma futura e importante elaboração de Plano Museológico para a CMEC.

O Diagnóstico Situacional da CMEC tem como objetivo destacar, organizar, promover projetos e indicar solução de problemas a fim de possibilitar uma melhor gestão da instituição. Sendo assim, o objetivo da pesquisa em questão teve como proposta a elaboração do Diagnóstico Museológico da Casa de Memória Edmundo

Cardoso com o objetivo de disponibilizar à coordenação da mesma, subsídios para a motivação de execução de um Planejamento Museológico. Como resultado dessa ação, disponibilizamos uma ferramenta com o passo-a-passo do Diagnóstico Situacional para facilitar aos profissionais, propostas de organização de acervos mistos, a exemplo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Esse material será criado em formato digital e físico (impresso).

Destaca-se que as informações utilizadas na construção dessa pesquisa são resultado de experiência própria como profissional historiadora da Casa de Memória Edmundo Cardoso, iniciada, ainda no ano de 2012 como estágio de Projeto de Extensão, na ocasião, numa parceria entre o curso de História da Universidade Francisca, coordenado pela professora Roselaine Casanova Corrêa, e a coordenação da Casa de Memória.

O Diagnóstico está dividido e organizado em duas etapas. A primeira etapa trabalha e aponta os pontos fortes e fracos da instituição e a segunda contempla sugestões de programas e projetos que visem solucionar alguns dos problemas apontados. A estrutura do Diagnóstico Situacional está apresentada e organizada conforme o quadro demonstrativo abaixo.

6.1 CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO - CMEC

6.1.1 Histórico da CMEC

6.1.2 Missão

6.1.3 Objetivos

6.2 ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

6.2.1 Documentação da Instituição

6.2.2 Quadro de funcionários

6.2.3 Associação dos Amigos da Casa de Memória Edmundo Cardoso

6.3 GESTÃO DE ACERVOS

6.3.1 Coleções museológicas

6.3.2 Coleções arquivísticas

6.3.3 Acervo bibliográfico

6.3.4 Documentação

6.3.5 Conservação e manutenção dos acervos

6.3.6 Área de pesquisa

6.4 EXPOSIÇÕES

6.4.1 Exposição de longa duração

6.4.2 Exposição de curta duração

6.4.3 Exposição itinerante

6.5 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

6.5.1 Ações educativas

6.6 ACESSIBILIDADE

6.6.1 Acesso ao Museu

6.6.2 Placas indicativas

6.6.3 Circulação interna e espaço de exposição

6.6.4 Mediação

6.7 SEGURANÇA

- 6.7.1 Cuidados e prevenção contra incêndios
- 6.7.2 Cuidados contra danos e furtos
- 6.7.3 Segurança dos acervos
- 6.7.4 Segurança de funcionários e visitantes

6.8 ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

6.9 MATERIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

6.10 SETOR DE EVENTOS

6.11 SECRETARIA E COORDENAÇÃO DA CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO

7.0 PROJETOS E PROGRAMAS

7.1- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

7.1.1 Projetos

7.2- PROGRAMA DE ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

7.2.1 Projetos

7.3- PROGRAMA DE MANUTENÇÃO DO ACERVO

7.3.1 Projetos

7.4- PROGRAMA DE PESQUISAS

7.4.1 Projetos

7.5- PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES DE CURTA DURAÇÃO

7.5.1 Projetos

7.6- PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE DA CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO

7.6.1 Projetos

7.7- PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO DA CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO

7.7.1 Projetos

7.8- PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DA EQUIPE DA CASA DE MEMÓRIA EDMUNDO CARDOSO

7.8.1 Projetos

O estudo contempla os anos de 2020 a 2023, sendo assim esse diagnóstico terá validade até 2025, visto a importância do mesmo ser revisto e analisado em um determinado período. Como já mencionado acima, a pesquisa e elaboração do diagnóstico foi dividida e organizada em etapas. Primeiramente, durante um semestre, foram realizadas visitas a instituição com o objetivo de conhecer o local e promover reuniões com a coordenação e equipe de trabalho do museu. Tais visitas tiveram como intenção coletar informações sobre o espaço e seus acervos. Cada setor de trabalho, passou a partir desses encontros, destacar e pontuar questões negativas, que precisavam de atenção e ou melhorias. Em um segundo momento, já com as informações coletadas e com a permissão da coordenação, passou-se para a segunda fase do trabalho que consistiu na realização de análise local. Visitas de campo foram feitas para que fosse possível, conhecer e identificar as falhas e pontos fracos da instituição. Nessa fase tudo foi analisado: condições físicas da instituição, condições de conservação e preservação dos acervos, segurança, acessibilidade, organização e administração, exposições entre outros. Foi possível constatar nessa segunda fase diferentes problemas e necessidades da instituição, partindo da informação que a

edificação que hoje abriga a Casa Memória, foi criada com objetivo de ser uma residência familiar e não um museu, essa informação por si só já nos apresenta uma série de pontos negativos na organização e apresentação do mesmo. O fato de se tratar de uma casa residencial desencadeia dificuldades permanentes, visto que, em alguns casos não é possível fazer modificações ou melhorias.

A terceira etapa do trabalho consistiu na elaboração do diagnóstico situacional da instituição. Nessa fase foi colocado em prática todas as informações colhidas anteriormente. Nesse momento, em conjunto com a equipe da Casa de Memória, foi debatido e decidido quais pontos seriam abordados e contemplados no diagnóstico. Aqui, vale ressaltar que, o diagnóstico situacional tem como função analisar e pontuar as necessidades e potencialidades dos museus e não tem como função resolver os problemas e sim tem como finalidade desenvolver programas que sugiram melhorias. Portanto, o diagnóstico tem como missão mostrar e trazer para a superfície os aspectos frágeis dos museus surgindo dessa maneira como um instrumento de pesquisa e sugestões. Sendo assim, o Diagnóstico da Casa de Memória Edmundo Cardoso foi elaborado em concordância com a equipe da instituição destacando seus pontos fortes e fracos.

A Casa de Memória, no ano de 2022, comemorava seus vinte anos de criação e, desde então, não apresenta ou possui em suas normas administrativas um plano de gestão e planejamento. Vale destacar que no Diagnóstico Situacional será elaborado visando e priorizando a realidade administrativa, social e econômica da instituição, bem como será destacado suas necessidades, ou seja, a partir dos pontos positivos e negativos. O processo de desenvolvimento da referida proposta de Diagnóstico Situacional implica na sugestão de Plano de Gestão, seguindo uma estrutura de pesquisa e investigação acerca do diagnóstico global da instituição, seguidos de análise e identificação dos conceitos de missão e visão da entidade. Ressaltando que o Plano de Gestão poderá, no futuro, ser consultado e utilizado como referência para e na elaboração de Plano Museológico da instituição.

Educação Patrimonial a Partir da Casa de Memória Edmundo Cardoso

Educação Patrimonial age como importante instrumento pedagógico que possibilita o surgimento de novos saberes, novos conhecimentos e que estimula a identidade cultural e fortalece o sentimento de pertencimento tanto coletivo quanto individual. Espaços de guarda da memória, como museus e arquivos, entre outros,

possuem o poder de agir como ferramentas da promoção desse processo de educação patrimonial.

A questão patrimonial ajuda a fortalecer os vínculos tanto entre os próprios indivíduos quanto com o local onde vivem. Valorizar os elementos que constituem o seu local de origem auxilia na construção de significados e principalmente e no processo de pertencimento e vinculação. Os patrimônios auxiliam na formação da identidade de um coletivo e valorizam e preservam adversidade através deles se fortalecem e reforçam o sentimento de pertença ao território”.

Seguindo esse pensamento encontramos na obra “Subsídios para a Criação de Museus Municipais” de organização de José do Nascimento e Mário Chagas a seguinte colocação;

[...] a educação nos museus possibilita a experiência da apropriação cultural, crítica e consciente, por parte dos mais diferentes grupos sociais e culturais. Trata-se de um processo de empoderamento sociocultural que, utilizando o patrimônio como recurso estratégico, valoriza o exercício da cidadania e contribui para a melhoria da qualidade da vida social e pessoal de indivíduos e coletividades. (CHAGAS e NASCIMENTO, 2009, p. 21)

Dessa maneira, pode-se dizer que espaços de guarda da memória, como museus e arquivos, entre outros, possuem o poder de agir como ferramentas da promoção desse processo de educação patrimonial. Nesse sentido, espaços de guarda da memória, como museus e arquivos, entre outros, possuem o poder de agir como ferramentas da promoção desse processo de educação patrimonial. Meneses em sua obra intitulada “Para que Serve Um Museu Histórico?”, aborda a importância social e histórica dos Museus.

O museu é sempre um espaço que estabelece uma intermediação institucionalizada entre o indivíduo e objetos materiais. Claro que vivemos imersos num oceano de objetos físicos, sem os quais não haveria condições de vida biológica, psíquica e social. Mas é muito superficial e descontinua a consciência que temos dessas coisas. O museu, ao contrário, induz a ver aquilo que os olhos deixam passar no cotidiano e com mais razão ainda o que é diferente, insólito – o outro. Há vários contextos institucionais que também fornecem condições semelhantes de percepção objetos. Basta lembrar, numa sociedade de consumo como a nossa, as lojas, os supermercados, ou a publicidade, que comunica os objetos representados. No entanto, é aos museus que se vai especialmente por causa dos objetos enquanto objetos e não, em princípio, enquanto mercadoria, artefato utilitário ou coisa semelhante. Assim, o museu é o lugar próprio organizado para coletar objetos, preservá-los e os classificar, estudar, expor, publicar, etc, (MENESES, 1992, p. 04)

Corroborando esse pensamento Varine (1986) adverte que o museu deve se tornar um agente de desenvolvimento local e regional:

O museu deve tornar-se mais do que é atualmente. Deve tornar-se um agente ativo do desenvolvimento geral, e isto porque ele é um símbolo e um repositório da identidade cultural. Mas, para tanto, o museu deve parar de concentrar-se unicamente na cultura, no seu sentido mais artístico e tradicional, na conservação da identidade natural e cultural apenas para seu próprio interesse, na aquisição e apresentação de segmentos de saber científico. O museu, tal como eu o vejo, deve tornar-se um meio original de comunicação, usando – já que é o único capaz disto – a linguagem dos objetos reais para contribuir, entre outras coisas, para o desenvolvimento global da sociedade a qual pertence”. (VARINE, 1986, p. 35)

O processo de educação patrimonial liga-se ao Museu Casa de Memória Edmundo Cardoso pelas questões pautadas na manutenção, preservação e valorização das memórias coletivas e individuais. A Casa de Memória realiza diferentes atividades de educação patrimonial que são oferecidos às escolas municipais e estaduais e universidades. Atualmente a casa desenvolve atividades de visitação mediada, na qual é possível conhecer os acervos museológicos, arquivístico e História do patrono. Promove e oferece oficinas e palestras sobre educação patrimonial. São oferecidas em suas dependências a realização de aulas práticas dos cursos de História e Arquivologia das universidades da cidade de Santa Maria e região.

Desenvolveu, no ano de 2018, o projeto “Edmundo Vai à Escola: Memória e Patrimônio” que teve como objetivo levar aos alunos de escolas municipais da cidade um pouco sobre a história de Edmundo Cardoso e Santa Maria. O projeto consiste na personificação do personagem Edmundo Cardoso, interpretado por um artista. A apresentação é em formato de workshop, com intervenção cênica. No entanto, a referida atividade não teve continuidades nos anos seguintes. No ano de 2022, a Casa de Memória promoveu e executou atividade denominada “Uma noite na Casa de Memória” com objetivo de divulgar. Foram convidados, na ocasião, representantes de setores culturais, educação, político e comércio. O evento contou com uma visitação mediada em conjunto com uma encenação teatral de dois atores que interpretaram Edmundo Cardoso e sua esposa, Edna May Cardoso. Os Funcionários da instituição apresentaram e explicaram o funcionamento da instituição, bem como a história da Casa. Sendo assim, o museu não basta apenas existir. É necessário que o mesmo desempenhe uma função social de divulgação da cultura, para isso torna-se importante que se jades desenvolvido todo um trabalho de organização e implementação de ações de planejamento nesses espaços de guarda.

Conclusão

O estudo em questão foi desenvolvido entre os anos de 2021 e 2023 e teve como objeto de pesquisa a Casa de Memória Edmundo Cardoso. O local da instituição citada, trata-se de uma construção histórica centenária que nos dias atuais abriga um museu e arquivo contendo acervos relacionados a história de Santa Maria e também do seu patrono. A Casa de Memória Edmundo Cardoso inaugurada como centro de pesquisa no ano de 2002, após o falecimento de Edmundo Cardoso tem grande importância para a comunidade, sobretudo, pesquisadores, pois preserva a história da cidade. A Casa de Memória Edmundo Cardoso tem como missão, servir à comunidade através da preservação da memória da cidade pelo acesso ao estudo, pesquisa, elaboração de exposições (itinerantes, de longa e curta duração) e divulgação de seu acervo. Logo fica evidente

A elaboração do Diagnóstico Situacional como Subsídio para o Plano Museológico da Casa de Memória Edmundo Cardoso, tem como objetivo possibilitar e viabilizar uma melhor gestão e conhecimento da Casa de Memória Edmundo Cardoso e terá validade por dois anos. O estudo contempla os anos de 2021 a 2023, sendo assim o diagnóstico terá validade até 2025, visto a importância do mesmo ser revisto e analisado em um determinado período. A Casa de Memória, no ano de 2022, comemorava seus vinte anos de criação e, desde então, não apresenta ou possui em suas normas administrativas um plano de gestão e planejamento. Vale destacar que no Diagnóstico Situacional será elaborado visando e priorizando a realidade administrativa, social e econômica da instituição, bem como será destacado suas necessidades, ou seja, a partir dos pontos positivos e negativos. O processo de desenvolvimento da referida proposta de Diagnóstico Situacional implica na sugestão de Plano de Gestão, seguiu uma estrutura de pesquisa e investigação acerca do diagnóstico global da instituição, seguidos de análise e identificação dos conceitos de missão e visão da entidade. Ressaltando que o Plano de Gestão poderá, no futuro, ser consultado e utilizado como referência para e na elaboração de Plano Museológico da instituição.

Referências Bibliográficas

AFONSO, Micheli Martins. **Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica**: um lugar de memória. Revista Vox Musei Arte e Patrimônio. Edição n1, Ano I. 2016.

BURKER, Peter. **A Escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Orientações para Gestão e Planejamento de Museus**. Florianópolis: FCC, (Coleções Estudos Museológicos) v.3, 2014, 94 p.

CHAGAS, Mario. A Poética das Casas Museus de Heróis populares, **Revista Mosaico**, n 4, 2013.

CORREA, Roselaine Casanova; FELTRIN, Marjana Chaves; OLIVEIRA, Jovana Souza. **Entre Imagens, Pratarias e documentos impressos: A Higienização da Casa de Memória Edmundo Cardoso**, Santa Maria – RS, 2013.

DESVALLEÉS, André; Mairesse, François (Dir). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo. Armand Collin, 2013.

ESCARPELINE, Rosaelena. O objeto, a Casa Museu e sua herança cultural. **Revista Memória e Informação**, v.4, ano I, 2020.

HISTÓRIA VIVA: **Mitologia** – Um guia básico. Duetto, nº 30, 2010.

IBRAM. **Oficina de Plano Museológico**. Porto Alegre: IBRAM, 2010.

LE GOFF, Jacques. **A História Viva**. Martins Fontes, São Paulo. 1998.

LEWIS, Geoffrey. **Como Gerir Um Museu: Manual Prático**. O Papel dos Museus e o Código de Ética Profissional. ICOM- Conselho Internacional de Museus, 2004.

LOUVISI, Victor Pinheiro; CARVALHO, Ana Paula de. Plano Museológico: desafios e perspectivas. *In*: OLIVEIRA, Leônidas José de. (Org.). **Cadernos de Textos de Inverno no MHAB**. Belo Horizonte, 2012.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amary. **Introdução à administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas,

MENESES, Ulpiano Bezerra. Para **Que Serve Um Museu Histórico?** Como Explorar Um Museu Histórico. São Paulo: Museu Paulista; USP, 1992.

NORA SANTOS, Therezinha de Jesus Pires; SANTOS, Gilda May Cardoso dos. **OEdmundo que eu conheci**. Santa Maria: Pallotti, 2017.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História 10. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Histórie do Departamento de História**, PUC/SP, 1993.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*:**Enciclopédia Einaudi V1 (Memória-História)**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

PONTES, Antonio. **Casas Museus: Espaços Privados versus Espaços Públicos** – a Problemática da Construção da Casa de José Régio de Vila do Conde. *In*: III Encontro Luso Brasileiro de Museus Casas. Rio de Janeiro, 10 a 13 de agosto, 2020.

SANTOS, Therezinha de Jesus Pires; SANTOS, Gilda May Cardoso dos. **Vivências e Memórias de Edmundo Cardoso**. Santa Maria: Anatterra, 2008.

SUANO, Marlene. **O Que é Museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. **Subsídio para a elaboração de planos museológicos.** IBRAM, 2016.

TRINDADE, Silvana Cançado. **Planejamento Museológico:** caderno 02. Secretária de Estado de Cultura/Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

WALDISA, Rússio Camargo Guarnieri. **Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional.** São Paulo: Pinacoteca; ICOM, 2010.